
A Interpretação da "Verdade"

MARISA PUNTA RODULFO*

A paciente relata um sonho, conta que estava em uma casa com muitos quartos acompanhada por seu namorado: "Queríamos entrar em um quarto e a cada porta que abríamos víamos um bebê, então as fechávamos e saíamos, e no próximo quarto acontecia a mesma coisa". Para mim, este pareceu um interessantíssimo sonho púbere onde aparece claramente a dimensão da morte de uma menina, ou seja, do bebê que aparece em cada quarto como esta menina que se deve matar no luto púbere, ou seja, dessa menina que deve ser deixada para trás. Este é um tema que a paciente vem trazendo, das angústias por deixar de ser a menina obediente, a menina de sua mamãe e as angústias por discordar dela ou brigar e discutir. No entanto, não lhe digo nada disto, mas é ela quem me diz: "Na verdade, pensei em algo que me havias dito outra vez que estávamos falando de mim e do bebê que eu teria que deixar de ser e então me pareceu que se entrasse com ele em cada quarto e encontrasse este bebê eu teria que sair, porque algo poderia acontecer comigo ali, porque eu entrava e era eu, mas o bebê também era eu". Ela estava em dois lugares. A angústia fóbica ante o companheiro heterossexual se ligava com este "entre" ser uma mulher e ter que deixar de ser um bebê, em enterrar este bebê. Estes são os trâmites de um(a) menino(a) saudável na puberdade. Com este sonho, ela vem a descobrir um significado que tem a ver com o processo terapêutico, com o que viemos fazendo no trabalho analítico.

Este pequeno fragmento nos permite pensar no que chamo, desde meu último livro, a dupla dimensão da interpretação; este tempo duplo aparece no conteúdo do sonho, ou seja, a interpretação segue trabalhando e produz sonhos e, em segundo lugar, a interpretação está trabalhando na interpretação que a paciente faz do conteúdo do seu sonho. É o sonho que sonha ligado a uma interpretação ou desencadeado por esta como resto diurno e, por sua vez, é o conteúdo do sonho que continua a interpretação de uma sessão anterior e do sonho em si. Vamos considerar o que ela disse: "te lembras do que me havias dito, do bebê que não queria deixar de ser...?" Ela havia contado anteriormente uma discussão que teve com sua mãe e esteve muito angustiada

* Doutora em Psicologia, Psicanalista com especialização em crianças e adolescentes, Professora da Universidade de Buenos Aires, publicou seis livros, trinta capítulos de livros e mais de duzentas publicações e entrevistas de divulgação científica.

com isto. Queria que sua mãe compreendesse algo que ela estava lhe dizendo, mas também não lhe agradava dizê-lo numa discussão. Neste momento, disse a ela que “na verdade, não queria deixar de ser esta menina tão obediente que sempre havia sido, não queria enfrentar uma discussão púbere, e que esta era a dor, de deixar de ser o bom bebê de sua mãe, o “bebê perfeito” (sic)”. Isto, então, leva ao sonho.

A interpretação funciona no conteúdo do sonho, mas ao mesmo tempo funciona na interpretação que ela faz deste conteúdo, porque adiciona: “te lembras do que havias me dito outra vez, do bebê que não queria deixar de ser? Penso que a bebê que está ali sou eu, então, não posso entrar naquele lugar e não posso beijá-lo por esse bebê”. É interessante por ser labiríntico. A interpretação produz um sonho que, por sua vez, é interpretado.

Podemos pontuar o que foi anteriormente exposto dizendo que:

1. A paciente interpreta um sonho que é uma interpretação deste momento de sua vida, dos trabalhos da puberdade, o conflito entre sua nova posição de mulher e a identidade de menina. Enfatizamos o fato de que o próprio sonho como um sonho já é uma interpretação e não simplesmente um material a ser interpretado.
2. A paciente interpreta minha interpretação que se constitui em um dos restos diurnos importantes do sonho e a paciente a evoca: “te lembras do que me havia dito, do bebê que não queria deixar de ser? E penso que o bebê que está ali sou eu, então, não posso entrar naquele lugar e não posso beijá-lo por esse bebê”.
3. Portanto, a interpretação que é o sonho, ela por sua vez a interpreta interpretando, que é a minha interpretação. Dupla interpretação da minha interpretação: o sonho e sua interpretação dele.

Isto se diferencia claramente de:

- A concepção do sonho como um material “bruto” a interpretar, um conteúdo a interpretar, um conteúdo dividido em “manifesto” e “latente”, portanto, um material que teria em si uma “verdade” a descobrir, uma “verdade” que como tal já não seria uma interpretação, mas sim a “verdadeira verdade”.
- A interpretação como algo que vem do analista e de seu trabalho, de uma sociedade terapêutica onde o paciente coloca seu material e o analista a interpretação, o qual supõe um saber e uma concepção tradicional de sua profissão. Nesta ordem de ideias, se o paciente interpreta a interpretação, esta seria própria do processo secundário e como tal defensiva, falsa, enganosa: a “verdadeira interpretação” somente o analista pode formular. A interpretação não seria fruto de um “entre” paciente e analista, onde haveria uma fronteira delimitada,

nunca seria uma produção conjunta, sempre teria um autor, que seria o analista.

- Desfaz-se, portanto, a ideia de um “material” prévio a toda interpretação, “livre de interpretação” e o plano da interpretação como tal, “verdadeiro” ou “falso”.

Há um percurso histórico que me levou a esta formulação, um destes marcos é o conceito de elaboração que foi traduzido como “per elaboração” e que prefiro chamar de “**trabalho de elaboração**”, para salientar o caráter de um lento processo, em contraposição ao ponto de partida de Freud que produzia interpretações fulminantes. Não é somente elaboração, mas temos que enfatizar o “trabalho” como o “através de”. *Durcharbeiten* representa estes dois aspectos. Algo não fica parado, não cessa de produzir novos brotos. Não é um trabalho que chega a um fim, mas é um trabalho que nunca acaba. Isto é o que resgato nos dois tempos da interpretação, o segundo tempo, a princípio, é o trabalho de elaboração, para permitir se apropriar da interpretação.

Encontramos os primeiros indícios nos *Estudos sobre a Histeria* (1895) onde a ênfase está no **trabalho** que o paciente faz para a cura, o que o levou a renunciar a hipnose.

Em *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914), Freud ressalta três aspectos fundamentais para o trabalho analítico. A elaboração constitui-se, então, num recurso comparável às recordações reprimidas e à repetição na transferência. Não há cura sem a possibilidade de elaboração, de processamento.

Para vencer as resistências, o trabalho de elaboração é fundamental. Em primeiro lugar, porque atua sobre ele mesmo, implicando em uma temporalização do trabalho analítico, pois a elaboração não se faz de uma só vez. É um trabalho que Freud começa a repensar quando a formulação da interpretação não produz os efeitos esperados. Assim, primeiramente, a elaboração é como algo que se junta à interpretação e o trabalho clínico nos leva a reformular a ideia de interpretação. Pode-se dizer que a elaboração consiste no **trabalho de interpretação**, ou seja, é o **trabalho de elaboração**; não quer dizer que a interpretação seja formulada “de forma completa” e que somente depois será elaborada, mas que a elaboração substitui a concepção mais antiga da interpretação por outra mais de acordo com os descobrimentos da Psicanálise. Permite superar o rechaço ou a aceitação intelectual em outro plano: uma convicção baseada na experiência **vivida**.

Um pouco antes disto, no texto *O manejo da interpretação dos sonhos na Psicanálise* (1911), Freud vai enfatizar a questão da interpretação que o próprio sonhador realiza sobre os seus sonhos através do processo secundário. Freud está tendo contato com este tema: a relação do “material” e “a interpretação”, que é um problema atual: a relação com a “verdade”. Ele pensa naquele momento que a interpretação deve chegar ao significado inconsciente. Veremos aonde este problema nos leva. Ao mesmo tempo e no mesmo período em que

a interpretação deixa de ser patrimônio do analista, o “material” ou o conteúdo latente deixa de ser uma coisa em si, livre da interpretação na sua própria composição como material e a interpretação deixará de ser uma atividade exclusiva do processo secundário passando a formar parte do material em si. Isto afasta a Psicanálise de toda concepção “realista” dos fatos, do trauma, etc., assim como de qualquer ideia ingênua ou comportamental sobre a descrição objetiva, prévia à interpretação. A descrição em si mesma já é uma interpretação. Não é necessário expressá-la numa narrativa, como quando se expressa o sonho através do relato, ou quando a paciente sente que sua mãe sofrerá com a perda de seu “bebê perfeito”. O que sente é também uma interpretação. O afeto também implica numa interpretação, o que contrasta com a ideia de que só há interpretação onde há palavras. Isto nos faz reformular o que Freud chama de “o umbigo do sonho”, pois haveria duas maneiras de entendê-lo:

- A mais tradicional, como se existisse algo impenetrável a toda interpretação.
- E outra mais atual e de acordo com a filosofia contemporânea, ou seja, segundo a qual toda interpretação seria interpretação da interpretação. Disto não se pode compreender nada ou apreender nada, seria uma essência à qual a interpretação teria acesso.

Um conceito muito importante como a *tentativa de cura* que Freud concebe nesta mesma época, também mostra uma atividade interpretativa do paciente que trata de “curar-se” e, por outro lado, o analista que terá que analisar as tentativas de cura e os resultados disto, pois não se pode encontrar a enfermidade “bruta”. A pioneira da psicanálise de crianças na Argentina, Arminda Aberastury, desenvolveu a partir disto os conceitos de *fantasia de doença e fantasia de cura* que o paciente pequeno já traz nas suas primeiras entrevistas, referindo que também a criança traz suas interpretações do que lhe acontece e que o analista terá que analisar e trabalhar sobre estas interpretações. Desnecessário dizer que a fantasia de cura não é a cura em si, mas uma reinterpretação da doença que a transforma em uma nova enfermidade, como quando se desenvolve um controle obsessivo de uma antiga problemática fóbica ou de angústia.

Encontramos neste caminho outro passo fundamental em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) onde Freud retoma sua concepção original de “resistência” como algo exclusivo do ego formulando as resistências do id. O que se obtém a partir deste novo conceito é ir mais além de um id como “natureza” que se debatia com uma “verdade bruta” em contraposição a um ego mais dedicado a reprimi-la, inclusive com interpretações “falsas” próprias da elaboração secundária. Por outro lado, Freud nunca deixou para trás esta concepção naturalista que se contradiz com as das resistências do id, quer dizer, um id que já não se entrega como uma força natural. Se existem resistências existem

interpretações. Unido à tentativa de cura e da interpretação do paciente, este conjunto de conceitos brinda elementos para uma teoria da interpretação que não será uma teoria intelectualizada da mesma, mas uma teoria mais abrangente da interpretação como uma atividade fundamental da subjetividade humana, seja qual for sua idade, sua patologia e sua formação cultural. Por outro lado, o psicanalista será um interpretador de interpretações, seu material serão as interpretações.

Muito tempo depois, Freud formula o conceito de construção como uma operação distinta à interpretação, que por outro lado se compõe e abarca um conjunto de interpretações destinadas a ressignificar traços e tramas da história do paciente, hoje diríamos, também de sua pré-história.

Ao longo de tudo isto, estivemos utilizando sem nomear um conceito fundamental como o de *retroação ou ressignificação*; implícito está que cada interpretação, seja de quem for, trabalhe retroativamente. Lacan nos ajudou a recuperar este conceito um tanto esquecido em meio a orientações que enfatizavam apenas a evolução temporal tradicional, se bem que é oportuno lembrar que Freud nunca afirmou que a retrospectiva fosse a única direção temporal existente, mas sim, combina de uma forma mais rica e controversa com o curso tradicional desta direção que vai do passado ao presente e então ao futuro. O psicanalista, portanto, não é somente um investigador do passado que opera sobre ele retrospectivamente em direção ao futuro. Geralmente, o que se elabora retrospectivamente não é o vivido, mas aquilo que não foi possível ser integrado. A questão consiste no acontecimento traumático, onde a segunda cena confere a primeira seu valor patológico. Não seria simplesmente redutível a uma “ação retardada”, para Freud se tratava efetivamente do *trabalho da elaboração*, que consiste em um verdadeiro conjunto de operações psicológicas e não meramente de uma simples descarga de tensão acumulada.

Dizíamos que interpretar é criar sentido e dar lugar a significações que não existiam previamente. Por que desta forma, gerando significações que não existiam previamente, se reorganiza um campo no processo de análise. Com isto, abrimos outro tema que se refere à interpretação, uma vez que esta tenha sido formulada não se pode dominar o efeito que terá na subjetividade, não se é o dono do que se emite. Por um lado, podemos dizer que a interpretação tem que ser formulada de tal maneira que o analisando possa compreendê-la e seguir processando-a, e que isto eventualmente dê lugar a um segundo momento. A primeira possibilidade poderia ser uma resposta imediata – ainda que o paciente não o diga, pois nota-se que pode causar certo impacto, mas logo é impossível controlar a reverberação do que é alterado, a qual trabalho de metabolização dá ou não lugar, ou se isto conduz a que o ego do paciente se aproprie de algo que lhe sirva, etc.etc.

O analista faz com que o ego conheça este desejo, mas, por sua vez, o pensamento e o desejo continuam atuando e permeando os pensamentos atuais; além disso, também em seus pensamentos transferenciais. Não é que o

colocamos em conhecimento de algo que aconteceu no passado e em outra cena, mas o conectamos com algo que aconteceu no passado em outra cena e também na cena atual da transferência. Como o bebê fantasma se infiltra na transferência? No momento em que a paciente começa a vir sozinha, faz uma atuação em relação ao tema dos honorários e fica muito claro, é como se dissesse: “ah, bem, não queres mais que minha mãe e meu avô venham aqui, bem, agora vais ver que não vindo minha mãe nem meu avô não poderás cobrar, porque eu me esqueço de trazer o pagamento, quando eles vinham te pagávamos pontualmente...” . “Minha mãe o deixou no imã da geladeira, mas eu o esqueci”, é sua única referência.

Ela insiste várias vezes, como o bebê do sonho e é assim como interve-nho: “o dinheiro está ali na tua casa, no imã da geladeira, algo que eu deveria ter aqui está lá. Assim como pudeste vir hoje para a tua sessão, podes vir amanhã para me trazer o envelope. Não vou aceitar a ideia de que não podes vir, em realidade podes sempre vir e também podes te esquecer”.

A interpretação aponta para uma reorganização da tópica psíquica, de seus enunciados, e a uma reorganização subjetiva para dar lugar a aquilo do que vai se apropriando.

Um trabalho de luto para deixar de ser um bebê e instalar-se como mulher, não vai deixar nada na mesma posição de antes. Incluído o lugar intrapsíquico que ocupam seus pais, também imporá uma confrontação entre as teorias atuais de sua sexualidade com as teorias sexuais infantis.

O efeito posterior da interpretação nos confronta com o trabalho de reorganização que a mesma induz; por sua vez, nos mostra a impossibilidade de predir com certeza o destino deste *a posteriori* na análise, isto não podemos saber.

Por exemplo, não se pode prever que, a partir de ter aceitado vir sozinha, esquece-se de trazer os honorários. Para o analista, não se trata de submeter-se ou incomodar-se, como os pais, deverá aceitar que as mudanças de um paciente não se produzem ao seu favor.

No fato de esquecer-se de pagar está a ação da resistência, o sair da posição de bebê, porque um bebê nada sabe de dinheiro e do pagamento; mas alguém da sua idade deveria sabê-lo muito bem. Ao atuar como se eu não necessitasse do dinheiro, comporta-se como se não tivesse as categorias psíquicas das quais dispõe: imobilizando-as, procura então imobilizar-se (um adolescente sabe, com certeza, que dinheiro significa liberdade). É interessante que o dinheiro tenha permanecido em casa num envelope porque um dinheiro envelopado não serve para nada, está imobilizado e imobiliza o destinatário, é uma carta que não chega ao seu destino. O envelope com o dinheiro é uma metáfora deste bebê no berço, em casa, que se imobiliza como pùbere.

Em relação ao efeito da interpretação e a apropriação subjetiva e pessoal de uma nova contribuição, este uso pode ser sempre modificado e está sempre a serviço de sucessivos fins: como falávamos do sonho, na interpretação que

produz o sonho, que por sua vez produz uma interpretação, algo se encadeia e se pode chegar a conclusões que não se havia previsto. Outra possibilidade, neste segundo tempo da interpretação, é que a mesma pode permanecer absolutamente neutralizada, reduzida a um mínimo compatível com a preservação de uma organização já preexistente; por exemplo, para que nada se modifique a reduzido a uma expressão mínima e não quer dizer que este seja um movimento consciente, mas é como se nada tivesse acontecido. Uma forma é o “esquecimento”; a interpretação sucumbe à repressão.

Pode-se até mesmo chegar a esquecer por completo, por exemplo, que houve uma interpretação. Às vezes pode ocorrer que quando se usa um material de um paciente este pode dizer “eu jamais disse isto”, o que produz estranhamento. O que ocorre é que em lugar de produzir-se uma reorganização que pudesse questionar a organização anterior, a interpretação sucumbe à repressão para sustentar os enunciados anteriores, apaga todo o efeito da intervenção sobre o anterior. Em determinados pacientes este é o momento preciso em que se faz necessário deter-se um pouco mais.

Não podemos nunca esquecer algo que a análise produz de forma permanente, que é estabelecer dois tipos de conexões na subjetividade do paciente: o põe em contato com sua realidade psíquica e em contato com a realidade exterior, ou seja, que permanentemente a análise vai estabelecer esta ponte, que no espaço do ego possam se manifestar os efeitos do que está em jogo na realidade externa do ego. Enfrentar alguém com esse reconhecimento não vai eliminar nunca a relação de tais efeitos entre a realidade e o ego, mas a análise propiciará que o paciente pense e possa pensar nesta outra parte de si mesmo que para ele é desconhecida. Assim como pensar que este conhecimento possa produzir prazer, poder pensar que o desconhecido de si mesmo seja prazeroso, que paradoxalmente a dor implicada neste trabalho não gere desprazer. Pela exploração e pelas descobertas, o analista não deve colocar-se neste lugar em que muitas vezes a tradição imagina que ocupe, ou a mesma representação do que é um analista por parte do paciente, quer dizer, que não se coloque como alguém que estaria inevitavelmente associado à angústia, mas que para poder chegar a um conteúdo doloroso sempre se siga a via de investir o conhecimento sobre este conteúdo doloroso. É importante senti-lo desta maneira como analista, porque se não há prazer, se o prazer não pode ser experimentado por parte do analista como prazer de investigar, é provável que a ênfase caia sobre o desagradável de um conteúdo psíquico antes do que no prazeroso, para a recuperação da capacidade de pensar plenamente.

Piera Aulagnier (1991) utiliza uma metáfora para falar do ego do neurótico, disse que: “A situação do ego do neurótico poderia ser comparada com a de um indivíduo cujo estado de saúde permitisse que pudesse percorrer livremente certo espaço, e que de repente descobrisse que este lugar havia sido invadido por insetos venenosos. Ou iniciaria uma fuga, diz a autora, ou concentraria

todo seu interesse e toda sua atenção em explorar o solo no qual está situado. Nas duas situações lhe será impossível experimentar um prazer qualquer”.

Isto é interessante e agregaria outra inflexão: a questão do solo semeado de veneno e de situações agressivas, a análise não pode ser este terreno persecutório, o solo tem que ser um solo livre, onde analista e o paciente caminham juntos. Em realidade, a relação do ego do neurótico com o reprimido e com o trabalho repressor pode conduzir ao mesmo resultado; muitas vezes o paciente pode sentir que não pode escapar da picadura, que não pode escapar da compulsão à repetição. Isto ficou claramente exposto em seu sonho do bebê.

Referências

- Aulagnier, P. (1991). “O trabalho da interpretação”. Em *Corpo, história e interpretação*. Comp. L. Hornstein. Buenos Aires: Paidós.
- Freud, S. (1980). Estudos sobre a Histeria. (James Strachey Ed.), *Edição standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol.III, pp. 217-254). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1980). O manejo da interpretação dos sonhos em Psicanálise. (James Strachey Ed), *Edição standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. IV, pp.103-130.). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (1980). Recordar, Repetir e Elaborar. (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). (James Strachey Ed), *Edição standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XII, pp. 193-207). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1980). Inibição , sintoma e angústia. (James Strachey Ed), *Edição standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol, XX, pp. 107-198). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1926).